

# Do trauma individual ao trauma coletivo. Os Xiitas do sul do Líbano e os bombardeios israelenses 2006

*From individual trauma to collective trauma. The Shi'ites  
of southern Lebanon and the Israeli bombing 2006*

*Del trauma individual al trauma colectivo. Los chiitas  
del sur del Líbano y el bombardeo israelí 2006*

*Jamil Zuguieib Neto\**

## Resumo

*O artigo é uma síntese das pesquisas de campo realizadas com a comunidade xiita do sul do Líbano em 2008. Procurou-se averiguar a conexão e superposição do trauma individual ao trauma coletivo na luta de resistência à invasão das forças israelenses a suas terras. O grupo étno-confessional participa depois de décadas de uma conjuntura nacional de enfrentamentos mortíferos entre suas comunidades. De outro lado da fronteira, há Israel, o inimigo que depois de submeter sua região por vinte anos, volta a atacá-los em 2006. Foram registradas vinte entrevistas com indivíduos de ambos os sexos, cujas questões abertas objetivaram suas histórias de vida. A análise de conteúdo do material permitiu sua separação em três grupos. Os depoimentos de seus representantes coloca em relevo o grau de afetação provocado pelos eventos. Averiguamos as disposições psíquicas desses sujeitos que vivem constantemente situações de stress e de eventos traumáticos. Observamos o papel da identificação grupal à mensagem de seus mitos fundadores e como fator de reforço egoico no enfrentamento a esse real catastrófico.*

**Palavras-chave:** *Xiitas; trauma; resiliência; Líbano; bombardeios israelenses.*

---

\* Doutor em psicologia. Professor aposentado da Universidade Federal do Paraná, Departamento de Psicologia. Atividade atual: Defesa Civil do Paraná. Pesquisador no CEPEDE/Pr: Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Curitiba – Paraná. E-mail: jzuguieib@gmail.com

## Abstract

*This article is a synthesis of field studies carried out in the Shiite community in South Lebanon in 2008. The aim of this study was to investigate the connection and superposition of the individual trauma over the collective trauma in the struggle and resistance against the invasion of Israeli forces in their lands. This ethnic confessional group has for decades been involved in a series of nationwide deadly struggles within their communities. On the other side of the border lies Israel, the enemy that after subjugating their region for twenty years, attacked them again in 2006. We then studied the psychological conditions of these subjects that constantly undergo traumatic and stressful situations. We observed how this group identifies with the message of their forefathers and myths and how it strengthens their egos on facing this catastrophic reality.*

**Key words:** Shiites; trauma; resilience; Lebanon; Israeli bombing.

## Resumen

*El presente artículo es una síntesis de las investigaciones de campo realizadas con la comunidad chiita del sur del Líbano en 2008. El objetivo fue investigar la conexión y la superposición del trauma individual al trauma colectivo durante la lucha de resistencia a la invasión de las fuerzas israelíes a sus tierras. Este grupo étnico-confesional participa, después de décadas, de una coyuntura nacional de enfrentamientos mortales entre sus comunidades. Del otro lado de la frontera está Israel, el enemigo que después de haber ocupado la región por veinte años, vuelve a atacarlos en 2006. Se realizaron veinte entrevistas a través de preguntas abiertas a individuos de ambos sexos, con la finalidad de estudiar sus historias de vida. El análisis de contenido del material permitió separarlo en tres grupos. Los testimonios de sus representantes colocan en evidencia el grado en que estos acontecimientos los afectaron. Se investigó las estructuraciones psíquicas de estos individuos que viven constantemente situaciones de estrés y hechos traumáticos. Fue observado, igualmente, el papel de la identificación del grupo en relación al mensaje de sus mitos fundadores y de qué forma estos actúan como factor de refuerzo del ego en el enfrentamiento a esa realidad catastrófica.*

**Palabras clave:** Chiitas; trauma; resiliencia; Líbano; bombardeos israelíes.

Este trabalho se propõe a apresentar os resultados parciais das pesquisas de campo realizadas no Líbano no ano de 2008 junto à comunidade xiita. As enquetes foram realizadas no extremo sul do país na fronteira com Israel. Em 2006 a região foi bombardeada pelas forças do país hebreu, nos eventos que ficaram conhecidos como a “Guerra dos 33 dias”.

O foco do texto é a experiência da catástrofe vivida pela comunidade. Na contextualização e história da comunidade, são sintetizados drasticamente os fatores sócio-políticos e culturais, que insidiosamente convulsionam o sistema comunitarista de governo libanês.

A pesquisa procurou explorar as disposições psíquicas dos cidadãos, termo que nos remete à estrutura psíquica do sujeito e o que dela vai se manifestar em um conjunto de atos em um ambiente de estresse contínuo, pontuados por situações catastróficas. São eventos mobilizadores de intensa carga de afetos que desestabiliza suas subjetividades ou, em caso mais graves, os dissocia psiquicamente. Os efeitos da catástrofe de 2006 se repercutiram de maneira diferenciada nesses atores, segundo fatores que iremos explorar mais abaixo.

Com a partida das forças de Israel em 2000 que dominavam aproximadamente 20% do território nacional desde 1983, a integridade do país restituía a dignidade nacional perdida, ainda que houvessem terras a ser reivindicadas. A luta de resistência durante quase vinte anos, liderada pelas milícias do Hezbollah, saiu-se valorizada e reconhecida nacional e internacionalmente. Com a continuidade da “resistência islâmica” comandada pelo Partido de Deus, Israel voltou ao país em julho de 2006, após a captura de dois de seus soldados. Assim começou a guerra que, segundo o presidente israelense Ehoud Olmert, deveria enviar o Líbano cinquenta anos para trás (Mermier & Picard, 2007).

Durante 33 dias consecutivos as forças israelenses visaram as cidades de maioria xiita e a destruição de sua infraestrutura. O objetivo era atacar o Hezbollah e sua possível extinção. Surpresas pela resistência e contra-ataques da milícia que causava sérias baixas em suas linhas, as forças israelenses recuaram e deram por terminada a sua guerra. Ignoram-se as baixas do Hezbollah. No entanto houve a morte de 1.183 civis, 4.059 feridos e perto de um milhão de pessoas deslocadas de suas casas. Foram 162 as baixas no exército israelense e de 41 civis que habitavam a cidade israelense mais próxima da fronteira. Os disparos de obuses do lado libanês provocaram o deslocamento de duzentos e cinquenta mil pessoas (Verdeil, 2007).

Pela primeira vez na história das diversas invasões aos países vizinhos, o exército hebreu se viu obrigado a interromper seu avanço

pela resistência de uma milícia. Esse recuo imposto pelo Hezbollah tornou-o o “brinco do Islã”, com espetacular repercussão em todo o Oriente Médio. A comunidade em júbilo se conagraçava em torno do comandante do Hezbollah, *sheikh* Hassan Nasrallah que em seus discursos exaltava a sua “vitória divina”. Segundo os entrevistados, esta guerra foi o último capítulo de atrocidades que permeiam sua história e que no século XX vai acrescentar bombardeios e destruições de seu território. Os velhos conflitos intersextários não resolvidos desde a independência do país (1943) veio a desembocar na guerra civil de 1975-1990. As chacinas cometidas e a demolição completa do país extenuaram os cidadãos que ao final do conflito, desejavam “esquecer” os tempos de barbárie. Mas o percurso continuou para os xiitas que habitavam o sul do Líbano, fronteira com Israel. Ao final da guerra as forças israelenses estabeleceram nessa região, uma zona dita tampão de segurança, com seu domínio absoluto por quase vinte anos. O subjugamento da população e seus eventos paradoxais irão se configurar a cada nova crise, como campos de afetação traumática, um espaço relacional cujas dimensões da experiência subjetiva, irão propiciar a criação e apreensão de sentidos aos excessos da situação. Nexos que serão adicionados como humilhações e lutas à narrativa da comunidade.

Foram investigados o efeito das ideologias e das crenças na resistência psíquica e como reprodutor da violência. Esses sistemas de pensamento (todos os dois tomados aqui como ideologias) sustentam e conduzem as representações sociais (Lipiansky, 1991) que se compartilham no grupo e tomam parte nos processos identificatórios individuais e na modelação da identidade coletiva. Na estruturação desses laços sociais a cultura fornece uma modalidade de organização própria que se estende à organização psíquica inconsciente de seus componentes (Kaës, 1998). Desse modo a ideologia será introjetada como objeto idealizado, chave de orientação e de interpretação da realidade circundante. Foi possível observar sua ação apaziguadora na defesa contra a desorganização individual e no fortalecimento da coesão grupal. A percepção e o sentido atribuído ao traumático serão então mediados pela leitura ideológica, que oferece também os recursos simbólicos para o seu enfrentamento. Entretanto, seja como

estímulos estressantes contínuos ou como um evento traumático pontual, a violência a curto ou a longo termo, vai alterar a dinâmica do funcionamento mental do sujeito (Anaut, 2003).

A comunidade se encontrava sob dupla pressão: por um lado o opositor e o inimigo sectário interno e, por outro o perigo que Israel representa como invasor tenaz de suas terras. Ao final do trabalho serão apresentadas as condições psíquicas dos jovens mais distanciados de engajamentos políticos e as do *mujahedin*, o combatente sagrado na senda de Deus, engajado na luta de libertação.

## BREVES ASSINALAMENTOS DO CONTEXTO SOCIAL DO LÍBANO

A composição da sociedade libanesa reúne comunidades confessionais, que passaram a se antagonizar mais agudamente a partir do século XIX pela hegemonia daquelas montanhas. Atualmente são dezoito os grupos que compõem a nação, mas apenas seis têm o poder de decisão na condução do país: três cristãos e três do lado muçulmano. Toda comunidade tem uma história de combates, sofrimentos e de mortes gravada em sua memória. Esta convivência concorrencial e excludente veio a desenvolver o rancor mútuo e provocar a rigidificação de suas fronteiras simbólicas. O Hezbollah partido político e braço armado da comunidade xiita recusa-se a depor suas armas ou integrar-se ao exército regular, como fizeram outras milícias após o fim de sua guerra civil (1975-1990). Justifica essa atitude por atribuir-se o papel de defesa do país contra os ataques de Israel, já que o exército mostra-se impotente para essa tarefa. Esse contexto de memórias feridas vai promover atitudes políticas movidas pelo afeto e a desconfiança, determinando uma “cultura da discórdia” (Corm, 1986). A intransigência progressiva dessas propostas se acompanhou de um engajamento decidido do sujeito social em defesa de suas diferenças. Pois é deste lugar que o sujeito vai participar do projeto de sua comunidade; ele se compromete socialmente e advém ator da narrativa grupal. Ele apela ao “nós” para dirigir suas ações, e é esse “nós” que designa o sujeito social “do qual se poderia

falar, por analogia, ao sujeito-indivíduo como gerador de fenômenos psicológicos e ao mesmo tempo enunciador: sujeito do enunciado, na primeira pessoa do plural” (Barus-Michel, 2004, p.58).

## A COMUNIDADE XIITA E SEUS EVENTOS FUNDADORES

A comunidade é a mais numerosa do país detendo 30% de sua população. Mas vai conhecer, somente nos anos setenta, um processo gradativo de integração nacional, de melhoria de seu nível educacional e de efetiva participação no jogo político do país (Charara & Domont, 2004).

Pouco mais tarde, o Hezbollah (mas também o grupo Amal) assume os projetos de luta da comunidade e conclama a união de uma “sociedade de resistência” que se iniciam no combate à invasão israelense de 1982. Seus laços com os dirigentes clericais iranianos vieram abrir um corredor de sustentação, que assegura financeiramente a manutenção de uma rede de ações sociais e o suprimento de armamentos.

Em tanto que confissão os xiitas (20% da população muçulmana mundial) não se diferenciam dos pressupostos escatológicos da maioria sunita. Sua fundação teve início por discordâncias sucessórias após a morte de Mohamad (Maomé). Seu sucessor segundo eles deveria ser Ali, primo e genro do Profeta (gente da casa) que não foi respeitado. É nesse momento que a *Umma*, a comunidade dos crentes, se divide entre os sunitas e os xiitas. O termo *xiita*, em árabe, designa um grupo de partidários. Eles se autodenominam “os partidários de Ali” e irão se consolidar como comunidade distinta, com a morte de Hussein filho de Ali, na batalha de Kárballah entre as duas facções. Esse evento (em 680) vai cristalizar o nó duro da representação identitária grupal e funda-se definitivamente como um movimento político.

Kárballah vai alimentar um discurso político- ideológico que radicaliza sua diferença e conclama seus adeptos à devoção religiosa e ao sentido extraído desse evento. Hussein torna-se um ícone da lealdade ao Islã e à justiça, cuja mensagem plena de valores morais irá mediar as relações sociais da comunidade (Mervin, 2008).

As homenagens e o pesar pelo seu martírio originaram os rituais da *ashura*, realizados anualmente com grande carga emotiva, acentuando um cunho dolorista a essa identificação (Khosrokhavar, 2003). O clamor ritualístico com seus efeitos de massa atualiza, numa espécie de curto-circuito grupal, os votos de devoção e de ardor confessional. As demonstrações de autoflagelação nessas ocasiões foram combatidas pelo erudito *sheikh* M. Fadlallah, o líder espiritual do Hezbollah. O religioso evocava que os verdadeiros seguidores de Hussein eram os resistentes a Israel. Ele reafirmava que se devia lutar na Kárballah do sul do Líbano e que todo dia é dia de *ashura*. O comandante do Hezbollah, Sayed Nasrallah instrumentaliza politicamente o ritual, declarando que é ali que se encontra o segredo da combatividade de sua milícia, sublinhando que a força de vontade e o respeito aos seus mitos fundadores podem vencer o inimigo. Hussein é representado como um revolucionário cujo ato de morrer pela justiça lega à história uma mensagem aos oprimidos do mundo inteiro. E foi essa atitude digna que o eleva à categoria de sagrado (Harik, 2006). Esta nova representação observa Khosrokhavar, funda um ativismo trágico: matar, destemer a morte ou se fazer matar (para os suicidas) na via de Deus. É esta representação que configura o nó duro da referência grupal.

Finalizada a apresentação da comunidade, abordaremos o papel da figura do líder na coesão grupal e nas suas construções identitárias.

## O SUJEITO, O LÍDER E AS IDENTIFICAÇÕES GRUPAIS

Freud (1913/1965) retoma a ficção Darwiniana como paradigma de início da sociedade, na qual é construído o mito da horda primitiva e a identificação ao pai da pré-história como aquisição filogenética de cada indivíduo. Encontram-se aí os fundamentos da lógica da natureza da crença, assim como a ideia de Deus e o laço social. Lembremos sinteticamente: com o assassinato pelos filhos do pai originário, que onipotentemente detinha o poder absoluto e interditava o acesso às mulheres, permite que estes ultrapassem a ordem da natureza para a da cultura.

Essa relação coletiva se funda quando os irmãos, com um mesmo propósito se reúnem sob a mediação da linguagem para estabelecer um

projeto comum: igualdade na convivência e a interdição do incesto. Esta ordem simbólica funda o grupo diferenciando-os dos animais. Entretanto a culpa pelo ato induz à construção de um totem à semelhança do pai morto, agora idealizado e que será venerado religiosamente, auxiliando a mitigar o desamparo estabelecido. O culto totêmico vai dar curso na fundação da religião, enquanto que as primeiras interdições do contrato fundam os conceitos morais de um agregado humano (o sentimento social).

Nessa perspectiva metapsicológica Freud (1921/1981b) vai destacar o papel do líder no laço libidinal de um grupo como o herdeiro da horda original. Sua figura idealizada será aquela que possui as qualidades faltantes nos liderados e deste modo o chefe tomará o lugar do Ideal-do-Eu de seus componentes. Tomados pela idealização, assujeitam-se amorosamente a esse líder e envolvidos pela emoção e a sugestionabilidade acabam por se identificar uns com os outros. O líder converte-se em depositário das representações do narcisismo grupal, e seus desdobramentos no projeto comunitário ou numa causa a defender. Essas projeções imaginárias mobilizam e alimentam nos liderados o vigor da pulsão nas situações de crise. Uma milícia (ou uma proposta ideológica) encarna essa dinâmica e será o nó duro da “alma grupal” que se organiza em torno de seu comandante. Estes vínculos identificatórios serão os mediadores entre o sujeito e a sociedade mais extensa, o que faz Freud assegurar que é impossível pensar um indivíduo sem se referir ao grupo no qual ele está inserido.

O desenvolvimento da identificação individual subentende o trabalho da simbolização que se sustenta a partir das primeiras introjeções de traços das figuras parentais e de seus desdobramentos. A apropriação da mensagem de seu núcleo familiar pelo *infans* e a submissão aos interditos sociais ao final do complexo de Édipo, formarão a base da transmissão cultural e de seu funcionamento psicológico. O Super-Eu e seu reverso o Ideal-do-Eu compartilhado no grupo explica a transmissão intergeracional e permanência da narrativa grupal. Enquanto o Super-Eu como obrigação de interdição, dividirá e restringirá o sujeito, o Ideal-do-Eu propiciará a construção de uma miragem a ser atingida, como promessa de resgate da vivência de plenitude perdida, o Eu-Ideal o substituto do narcisismo perdido de sua infância. Por essa característica, ele funciona como agregador grupal.

Este processo faz dessa unidade de pertencimento o suporte (o apoio da relação de objeto e do narcisismo) e a oferta de uma trama de sentidos, de figuras exemplares e ícones culturais que participarão, como traços, na construção da identidade individual e o seu reverso coletivo.

No Líbano a rigidez das diferenças acentua a tensão nas relações de alteridade. Os mesmos fatores que incidem sobre as relações de identificação individual também serão determinantes nas relações grupais. O Outro será modelo, referência ou adversário (Freud, 1921/1981b). Esse quadro com seus eventos reais e imaginários, irá concorrer para a construção de uma estrutura fantasmática e um caráter relativamente organizado do funcionamento psíquico do sujeito.

## A CONCEPÇÃO DO TRAUMA

A contribuição de Ferenczi (1934/2011) sobre a clivagem auxilia a compreensão do funcionamento do Eu na situação traumática. Sua desestruturação pelo excesso de estímulos causado pelo choque provoca a interrupção de parte da atividade psíquica consciente, resultando na repetição de afetos dissociados que encobrem as experiências traumáticas. Esse mecanismo é a tentativa de irrupção representacional dessa experiência que não pôde ser simbolizada (já que se encontra recalçada).

O psicanalista aduzia que a conseqüente desorganização vai enfraquecer o sentido de si- mesmo e a perda dos referenciais da situação. O choque causado pela potência de certos eventos disruptores pode levar ao aniquilamento do sentimento de si (Nanci), e da sua capacidade de resistir, de agir e de pensar, o que vai exigir do sujeito nova reconfiguração subjetiva, enfrentando ou se acomodando á nova realidade. Ferenczi focava seu interesse no equilíbrio entre o individuo e seu meio mutável, o que implicava uma mudança na metapsicologia freudiana, segundo a qual o princípio do prazer busca um equilíbrio estável do aparelho psíquico.

Entretanto após o abandono da teoria da sedução, Freud (1920/1981a) toma em consideração o despreparo para a situação e a intensidade do evento que desorganiza os mecanismos defensivos do indivíduo. O fator surpresa desencadeia o choque desestruturador que desperta o terror na

situação sentida como ameaçadora. O seu transbordamento como acontecimento de excessos será dimensionado na relação do sujeito e o meio circundante (Canavê, 2015). A realidade psíquica será a soma de traços deixados por essas experiências relacionais, enquanto que a realidade exterior será aquilo que a percepção dá a conhecer do mundo ao redor. É essa a realidade psíquica de cada um, que nos dirá se um acontecimento foi ou não traumático para ele. Após essas observações, vamos focar nossos depoimentos:

## O IDEAL-DO-EU COMO AGENTE DE RESILIÊNCIA

A capacidade de resistência psíquica ante os excessos de excitações provocados por uma catástrofe é fruto da força pulsional, que toma forma e força a partir do sujeito e no suporte que o meio pode oferecer. O amparo inicial está na família e se estende ao grupo social mais próximo, que o acolhe e oferece o entendimento nas suas angustias primordiais reavivadas. Dessa forma a sua fantasmática assustadora tem chance de se reorganizar e tornar-se mais suportável quando o sentido dado à situação pode ser compartilhado, transformando o real ameaçador em imaginário e em seguida vínculo social.

A religião ampara o sentimento de abandono do gênero humano, (Freud, 1927/1997) fortalece o indivíduo contra a angustia e promete uma vida pós-terrena eterna, livrando-o de toda dúvida existencial. Essa crença evidencia-se em uma comunidade confessional, como a certeza de estar sob o abrigo de uma entidade superior que zela por ela constantemente e que promete a vida eterna, plena do gozo e em harmonia celestial. Ora, acaso haverá maior fator que participe da resistência psíquica quando se luta em prol dessa meta ou o que seus mandamentos sagrados determinam? Essas construções idealizadas constituem um tesouro de representações que nasce da necessidade humana de acolhimento afetivo e de participação comunitária a um projeto de vida em comum. Uma comunidade religiosa que nasce do assassinato de seus pais fundadores coloca o exemplo desses personagens juntamente com seus cânones, como a chave do sentido de sua existência e como plataforma de sua política com a sociedade mais ampla.

A explanação sobre o contexto da pesquisa subsidia a apresentação da metodologia adotada na investigação das histórias vividas pelos sujeitos.

## METODOLOGIA

As interpretações se referem às vinte entrevistas de fundo que objetivaram suas histórias de vida, realizadas com sujeitos de ambos os sexos e com nível superior de educação. A idade dos jovens varia entre 23 a 28 anos; os adultos entre 47 e 78 anos. Desse total, dez não eram engajados a grupos militantes; o restante participava ativamente dos trabalhos de suas mesquitas ou em grupos de ação política. As cidades foram Khiam que abrigou um presídio estabelecido pelas forças invasoras e a histórica B'int J'beil localizada a três quilômetros da fronteira com Israel. As entrevistas foram realizadas nas residências dos informantes, na língua árabe e depois traduzidas por profissionais credenciados e vinculados ao consulado brasileiro. Os entrevistados assinaram um termo de concordância depois de lerem as questões da entrevista. Foram resguardados seus nomes, entretanto com os líderes políticos e eclesiásticos ficaram explícitas suas identificações, por serem figuras públicas e nos limitar a explorar suas declarações de ordem social e política. O exame do conteúdo dos testemunhos permitiu organizar semanticamente as diferentes formas de se expressar dos sujeitos. Esse trabalho foi auxiliado por um programa eletrônico (Reinert, 1992) que detecta as diferenças não aparentes e as identificações desses textos. As análises permitiram repartir a amostragem em três conjuntos. Cada um delimita disposições psicológicas e representações que convergem para um sentido comum. São eles:

- O primeiro conjunto - o distanciamento - representa os jovens menos engajados politicamente.
- O segundo conjunto - a história vivida - corresponde à geração mais velha da população.
- O terceiro conjunto - o engajamento - representa os combatentes milicianos.

## OS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Partimos da concepção de que um sujeito xiita é, por suas identificações míticas, sempre um combatente. Ilustramos essa atitude nos comportamentos de abnegação dos mais velhos e que exemplificam os traços comuns de toda a comunidade. Suas experiências de tragédias passadas faz elo com o sentimento de perigo da atualidade. “Nosso território e nossa pátria está em perigo depois que o inimigo foi implantado em nossa fronteira. Ele ambiciona estas terras e há muitos escritos antigos e mais recentes que mostram essa intenção” (professor de B’int Jbeil). Terminados os bombardeios, Rábia, diretora de um colégio em B’int J’beil, retorna ao seu povoado e encontra sua escola, totalmente destruída. Ela faz o seguinte testemunho:

*Pessoalmente as guerras me deixam em situação de crise, mas logo me adapto e vou em frente. Nasci na guerra e não vivi uma fase de equilíbrio social para sentir algo de novo nisso. Esses bombardeios não foram uma novidade. Quando cheguei às ruínas de minha escola consegui não chorar, quando todo mundo ao redor chorava. Pensei que isso não devia levar a nada.*

Em seguida ela retoma prontamente seu papel na direção e parte para a reconstrução. Sua atitude pragmática e resignada a conduz viver na sua sociedade eternamente convulsionada, seguindo a sua história, não mais que isso. “*Estou tranquila, a única coisa que me preocupa é uma nova guerra. Para nós xiitas, Deus nos pede o trabalho e o esforço*”, (a jihad).

## O GRUPO DOS JOVENS

Esse conjunto representa os jovens civis e menos engajados nas correntes ideológico-partidárias. Eles demonstram alguma independência na interpretação dos acontecimentos sociais e na sua relação com o Hezbollah, procurando a significação dos fatos com certo distanciamento. Dois depoimentos ilustram esse conjunto.

**Norma (nomes fictícios), 28 anos, casada, professora de liceu, Khiam.**

*Durante os bombardeios muitas pessoas vieram para minha casa. Vivemos momentos de terror, e as famílias persistiram morando aqui durante cinco dias. Vinte e cinco pessoas dormiam no térreo, pensávamos que o local serviria como abrigo, mas não foi o caso. Depois que ela foi bombardeada, deixei meu marido, e acompanhada de várias mulheres e crianças horrorizadas, saímos de carro em disparada sem saber para onde ir. Condoia-nos ver as pessoas que fugiam a pé.*

**As condições psíquicas:**

*Como esquecer a dor pela perda de nossos mártires e a fuga apavorante que tivemos que fazer? Nossa região é belíssima, nossos jovens maravilhosos, mas tudo que fazemos durante anos, Israel destrói em alguns segundos, por isso me sinto incapaz de pensar no futuro. Não conseguirei a tranquilidade enquanto Israel continuar presente por aqui e acho que nossa guerra será eterna. Vivo o dia a dia. A dor e a tristeza sempre dominaram nossas vidas, e atualmente acho que todos nós precisamos de assistência psicológica.*

**E complementa:**

*O que é certo é que nós venceremos. Isso é uma certeza. Os habitantes de Khiam são cidadãos heroicos. Em 1977 na guerra civil, perderam tudo, propriedades e pessoas queridas, em 1982 e 2006 o mesmo se repetiu, e apesar de todo o sofrimento, ainda temos esperança na vida e no amanhã.*

**Nanci, 24 anos, solteira, professora de liceu, Khiam.**

*Eu estava sozinha nas montanhas quando subitamente iniciaram-se os bombardeios. Eu vi a morte na minha frente. Foi horrível escutar o silvar das bombas e o barulho de tudo aquilo. Apavorada eu só rezava e pensava em meus pais que moravam em Beirute, na expectativa de que um míssil caísse em minha casa. Quando os ataques diminuíram, eu e os vizinhos pegamos um carro e fugimos. Todo mundo corria e os carros estavam superlotados. Anteriormente meu pai tinha sido preso pelos invasores israelenses. Ele tinha quebrado a mão e eles pensaram que meu pai era um combatente. Eu tinha seis anos e era muito ligada a ele, assisti a sua prisão e não posso esquecer a humilhação vendo como ele foi tratado*

*naquele momento. Ficamos meses sem saber onde ele se encontrava. Quando ele foi libertado, ele não podia andar e ficou manco de uma perna pelas torturas sofridas.*

As condições psíquicas:

*O ódio e a honra ferida continuam. Esses momentos são períodos de perda de nossas vidas. Somente bombardeios, dor e medo. A guerra acabou, mas esperamos outra e vivemos sempre em suspense. Eu lembro aqueles dias, como se estivesse vendo a sequência de um filme. A situação política do Líbano não é estável, não sabemos qual é nosso seu futuro, repetem-se os atentados e mortes de líderes. Eu sou inquieta, instável e não consigo exprimir esses sentimentos. Às vezes eu sinto que vou me matar. Mas reflito que devo continuar nesta vida que me foi imposta. Eu não posso pensar no futuro, pois não sei o que ele me esconde. Eu sinto que minha vida está fechada. Só em casa me sinto segura, e quando saio fico pensando se irei voltar.*

## COMENTÁRIOS

Sublinhemos que os testemunhos recolhidos, a cultura grupal e o trauma em sua dupla face individual e coletiva, circunscrevem uma situação paradoxal específica, cuja ressonância subjetiva é incerta e variada. Os depoimentos mostram que embora o psiquismo estenda os meios de auto-proteção para se preservar dos traumas, sua reorganização tem um custo. O cenário de morte e a falta de perspectiva de suas vidas futuras provocam nessas professoras, o luto (Norma) e a desolação melancólica (Nanci). “No luto é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego” (Freud, 1917/1974, p. 278).

A elaboração do luto por Norma é lento, não só pela persistência de seu imaginário trágico atual, mas ao que ele faz evocar de outros sofrimentos não tão distanciados em sua história. Dessa maneira seu campo de afetação desenha-se flutuante e longo no tempo. O estado de alerta e a angustia irão se delineando no decorrer dos envolvimento de sua comunidade nos conflitos armados nacionais. Esses sofrimentos em série deixam marcas em sua carne e espírito, e ao desânimo adiciona-se o ódio, quando ela constata que seus projetos de vida acham-se bloqueados. A exacerbação do ódio

prolonga a crise pessoal, mas também é fonte que aciona e une a pulsão no trabalho para atingir um alvo exterior (e não voltar-se contra si) ou na construção de novos objetos a investir.

O apoio se encontra no acolhimento comunitário e na representação de seus mitos fundadores que a incita tomar uma atitude de abnegação, paciência e trabalho. Três significantes que partem do ícone husseiniano e que se refletem como traços do caráter comunitário, já observados em Rábia. Todavia, essa paciência surge mais como resignação individual do que estratégia de espera para se renovar e ultrapassar as dificuldades, como faz a classe dos combatentes.

Já Nanci exemplifica a fragilização, em virtude da experiência angustiante recente, que se conecta a eventos anteriores e promovem uma realidade mental afetada. Os excessos da situação externa brutal e súbita, para a qual a jovem não estava preparada, causa-lhe a comoção psíquica e o sentimento de desamparo. Adicionam-se momentos de agonia que se conjugam no enfraquecimento de um sentido de si mesma, uma espécie de aniquilamento (Ferenczi, 1934/2011).

O desamparo se estende no tempo e a remete aos seus prototípicos sentimentos de fragilidade e de total dependência quando chegou ao mundo (Freud, 1895/1973). A falta do pai nos recentes bombardeios se associa a sofrimentos anteriores, de outra perda, quando ele foi agredido por soldados e levado à prisão. As experiências de angústia fazem cadeia, acionando fantasmas atemorizadores, provavelmente relacionados com anteriores conflitos inconscientes (Freud, 1926/1976).

Nanci exemplifica como o traumático se aloja na lembrança recalçada de um cenário insuportável (Freud, 1895/1973). O fruto do choque nasce em um segundo tempo como representação, as imagens congeladas rompem o recalque, e invadem sua consciência como um cenário cinematográfico. O imaginário que se repete e a experiência da dor que não pode ser recalçada é acionada pela pulsão. As cenas aparecem como exteriores a si mesma. Causando estranheza por não se engatarem às suas cadeias de sentido, acabam autônomas por falta de inscrição no aparelho psíquico. A jovem volta-se sobre si mesma por sentir-se impotente em reorganizar-se

internamente, o que exigiria a metabolização dessas excitações e o investimento libidinal em novos objetos. O ódio e a angustia juntam-se à sua melancolia, e a excitação como pulsão de morte provoca seus impulsos suicidas.

Esse mal estar se agrava com a perspectiva de um futuro temerário e na retomada da violência política em seu país. Nanci exemplifica a inquietude e o humor rebaixado no cotidiano da população afetada. Mesmo que a jovem venha a recompor-se subjetivamente, o sentimento de humilhação dificilmente será esquecido. “Restabelecer” um sujeito afetado é insuficiente para livrá-lo do sentimento de humilhação, da vergonha e do ressentimento (Cabra, 2005). A vergonha é um afeto imposto do exterior e pode produzir a clivagem no psiquismo (Abraham, 1961/2001). A vergonha fica associada à dor moral e ao sentimento de humilhação impostos pelo inimigo. A vergonha faz par com o segredo e a divisão do eu, quando ela é negada ou dissimulada.

Acrescentemos outro depoimento que se refere diretamente à humilhação e aos objetos de identificações perdidos.

**Daher, 23 anos, solteiro, estudante, Khiam**

*Nasci em 1986, portanto vivi 15 anos sob a ocupação e dos atos agressivos do invasor. Toda pessoa que morou no Sul têm lembranças dolorosas, repletas de terror e sufocamento da liberdade. Ninguém dormia tranquilo, todo mundo tinha medo de ser detido ou ter sua casa destruída.*

Durante os ataques aéreos o conjunto de apartamentos que constituíam a sua morada e de seus pais e tios é arrasado. Destituído de seu abrigo e de tudo que representava seu patrimônio simbólico, ele se depara com o âmago de sua crise, a dor e a humilhação.

*Logo após os bombardeios o pior momento foi deixar meu pai e partir de Khiam. Meu avô se recusou a sair de sua terra e por isso meu pai teve que ficar, são marcas que não se esquece. Apesar do sentimento de honra depois da vitória sobre o inimigo israelense, há um sentimento de dor por perder coisas queridas, minha casa, minhas lembranças e pertences. A perda é mais psicológica do que material. Se meus filhos perguntarem um dia sobre como era minha vida ou minha casa, não tenho nenhum registro disso,*

*foram-se meus livros, minhas fotografias, tudo. As lembranças ocupam uma grande parte de minha consciência. Daqui pra frente com esse caos no Líbano, não sei quais serão meus passos para o futuro.*

Birman (2009) explora bem essa situação no drama de Écuba<sup>1</sup> contemplando uma Tróia em chamas. É a avó que chora indignada diante de seus destroços e que sintetiza toda a grande dor dos vencidos. Essa ficção veste como uma luva a experiência do real de Daher. Igual a essa personagem, que tem o orgulho de sua estirpe esmagado, resta a ela (e ao jovem) somente fazer imprecações aos inimigos desejando toda a infelicidade que o destino possa lhe reservar. A desonra pela impossibilidade da defesa de seus bens, o culto dedicado pelo jovem xiita a seus objetos de referência perdidos, irão se cristalizar como algo insepulto e que impede a retração subjetiva para que se possa iniciar o enterro simbólico de seus mortos. Sem encontrar sentido eles pairam em seu psiquismo compondo um conjunto fantasmagórico que preenche seu vazio e sustenta sua melancolia. É esse vazio que o coloca na condição de pária, na insignificância a que se viu reduzido.

Em seguida veremos como o engajamento ideológico oferece um referencial assegurador eliminando o sentimento de impotência e de abandono.

## A CLASSE DOS COMBATENTES

Este conjunto se atém aos fatos cotidianos e às representações de suas interações diárias. Diferentemente dos mais velhos, esta classe se distancia da narração de eventos mais distantes e se concentra nos fatos recentemente vividos. Eles mantêm uma atitude crítica procurando um nexos entre essas ocorrências e sua prática na resistência. Desse modo, procuram o controle do real de suas experiências. O sofrimento e o espírito combativo são assumidos como marcas comunitárias, que os fazem encarnar em suas atitudes a identificação com um Hussein guerreiro. O extrato de um só depoimento desse grupo é suficiente como ilustração.

---

1 Écuba é a personagem principal da peça *As Troianas de Eurípedes* (escrita entre 415 e 412 A.C.). A obra, que aborda a destruição de Tróia e a matança cometida pelos atenienses, põe em relevo as dores e o ódio dessa mãe e avó, imaginada por Eurípedes.

**Al Dib, 28 anos, casado, técnico engenheiro, Khiam. Em tratamento médico.**

O depoente é ex-detento do presídio israelense construído na sua cidade. A entrevista foi realizada quando se encontrava acamado em consequência de ferimentos causados por torturas. Nos seus depoimentos, nota-se a primazia de argumentos lógicos, a determinação de suas atitudes, o controle das emoções e a inquestionabilidade de seus engajamentos.

*Nossa religião tem entre os seus dogmas, alcançar o contentamento de Deus pelos nossos atos. Para nós, não se separa a religião da forma como lidar com as pessoas, portanto ela se cola com a política. A devoção se divide entre a devoção do sujeito ao seu Criador e a forma de tratar os outros. Kárballah para nós, tem o sentido da defesa do direito, da pátria, da religião e da mensagem de Deus.*

**A realização identitária:**

*Atingimos a felicidade e resgatamos nossa honra quando as forças israelenses depois de 20 anos partiram em 2000. Certamente não há como descrever a felicidade deste momento. Apesar da dor, quando se trata de guerra contra Israel, há sempre o sentimento de orgulho para nós mujahidins. Somos os donos da causa justa, não cometemos massacres, pois nossos princípios sagrados impedem essa conduta. Na hora de passar lembranças da guerra falamos com um tanto de objetividade e realismo, que na nossa prática a tristeza ocupa o lugar que deve. A guerra não terminou, ainda temos territórios ocupados e libaneses nas prisões israelenses. O Hezbollah representa a resistência libanesa e não é ele que está combatendo Israel, mas sim o contrário.*

**Um evento marcante:**

*Um fato de muita dor aconteceu quando meu pai foi detido e conduzido à minha frente na prisão, ele tinha naquela época 77 anos e sofreu muito ao me ver. Fui maltratado na presença dele, que sofreu mais tarde um derrame e faleceu, sem que eu pudesse assistir ao seu enterro. A destruição total de minha aldeia se acrescenta a essas tristes lembranças.*

### Condições psíquicas:

*Devido à situação econômica do país e a detenção que sofri me sinto ainda cansado e instável, a solução é enfrentar essa realidade. Se eu for descrever como me vejo depois da experiência pela qual passei, choro. Tenho tristeza e preocupação com minha doença. As cinco intervenções cirúrgicas que sofri são consequências das torturas que me impedem trabalhar, pois tenho deficiência permanente em minhas mãos e no meu pescoço. Eu estava em liberdade e repentinamente as coisas se transformaram, a luz virou escurecido. Tive momentos de medo, mas certamente esse medo não me domina. Ultrapasso as coisas difíceis e adapto-me com facilidade, pois sou realista. Meu plano de vida é continuar a coisa que iniciei na luta contra a ocupação. Enquanto o Líbano estiver apegado a sua união, o Líbano estará sempre no bom caminho. Ao contrário de Israel, que é um estado discriminatório e que não aceita o outro. O Líbano é então a contraface de Israel.*

## COMENTÁRIOS

É nesse grupo que se encontra o núcleo duro da identidade comunitária. A participação nos recorrentes combates com o invasor e a vigília nos conflitos intercomunitários estabelecem seu campo de ação que surpreende e o desafia constantemente. A angústia sinal presente no estado de vigília, o controle das emoções no enfrentamento a um real inquietante e o sentimento de encarnar o Ideal-do- Eu confessional foram os componentes primeiros na resistência contra as dissociações psíquicas individuais e na disciplina do guerrilheiro.

A milícia é uma organização cuja espinha dorsal é a própria concretização do ativismo pregado pela doutrina xiita. Sua escatologia emite os significantes do discurso político e harmoniza esses sujeitos pelos imperativos do Super-Eu/Ideal-do-eu grupal. O fortalecimento do Eu pelo triunfo do Ideal-do-Eu forjou o sentimento de valor miliciano e validou a liberação da pulsão de morte contra o oponente. O combate no enfrentamento a um invasor de longa data e de significação histórica completa, como dever e honra, o municionamento pulsional.

A dor dos ferimentos do *mujahid* espera-se que faça recuar o sofrimento psíquico em seu aleitamento. A ferida corporal vai atrair energias

catéxicas do psiquismo para estancar o desprazer dessa região. O sujeito se ocupando do sofrimento físico divide a atenção ou as imagens de seus sofrimentos passados, com os cuidados que deve manter com a dor presente (Ferenczi, 1934/2011).

Muitos sujeitos resilientes admiram-se que depois de um ferimento profundo voltem a viver. “Mas essa passagem da sombra para a luz, a escapada do porão ou a saída do túmulo implicam a necessidade de reaprender a viver outra vida” (Cyrulnick, 2004, p. 3).

Assevera o combatente:

O caminho para se renovar é a autocrítica, avaliando as ações e as reações. Quanto mais autocrítica e objetiva a pessoa for, mais ela está se renovando. Devemos ter disciplina e confiar em nossos líderes, qualquer ação irresponsável sujeita a impetuosidade serve ao inimigo.

O comandante que levou à vitória (milagrosa) de sua milícia é cercado por uma aura de invencibilidade e toma o papel de “um demiurgo que transforma a massa sugestional em um movimento coletivo que se solda na fé” (Moscovici, 1991, p. 168). Sua determinação na luta o coloca para seus comandados como criatura intermediária entre a natureza divina e a humana. Líder e milícia constituíam um corpo simbólico que atinge momentos de magia, o gozo inebriante (Eu ideal) dos *mujahidin* pela realização identitária. Sob sua aura, os milicianos tornavam-se atores de um fantasma que os incitava a colocar em ato seus entusiasmos. A moral de vencedor fazia-os sobrepor o princípio do prazer sobre a realidade (Assoun, 2005). O fervor grupal deixava em evidência seu livro sagrado: “Aqueles que obedecem a Deus e ao Mensageiro, contar-se-ão entre os agraciados por Deus: Profetas, os sinceros, os mártires e os virtuosos. Que excelentes companheiros serão!” (Alcorão, surata 4, p. 57, 1989).

Pleno dessas significações consensuais, corpo individual e corpo coletivo confluem no gozo pela possibilidade de integrar-se ao corpo celestial. A libido do combatente dessa maneira expandida vai significar esses objetos como sendo seu próprio Eu. Dessa forma preenchido, “o auto sacrifício advém uma consequência natural” (Freud, 1921/1981b, p. 178).

A possibilidade do martírio, proposta última do “culto dolorista husseiniiano” vai guindar a identificação *mujahid* para transcendência da vida paradisíaca, pois que “evidentemente” elas serão preferíveis aos sofrimentos e humilhações na vida cá em baixo. E seu livro sagrado lhe faz o convite: “Não creia que aqueles que foram mortos em nome do Senhor estejam mortos, ao contrário eles estão vivos ao lado de Deus e recompensados por Ele” (Alcorão, surata 2, 1989, p.5.).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para começar nossas considerações lembremos o que já foi visto em O Futuro de uma Ilusão (Freud, 1927/1997). O peso dos impulsos passionais que incitam a religiosidade transforma-a em fator incomparável na profusão do sentimento de poder. A promessa da glória celeste xiita se expressa no pensamento grupal que assevera: se um *mujahid* ou um crente no cumprimento de sua *jihad* morre em combate, na mesma noite eles estarão jantando com o Profeta na mesa onde se sentam os sábios e os grandes heróis. Nossos sujeitos unidos pelo enlace libidinal determinado por sua seita, cuja tragédia de sua fundação, remete á radicalização da interpretação do gesto de Hussein em sua última batalha, vai dar a garantia de fidelidade comunitária. As mensagens emitidas por seus mitos fundadores tornam-se obrigações religiosas que determinam a todo crente combater as situações de injustiça e de humilhação. Patriotismo e dever religioso superpostos irão alimentar a resiliência comunitária, estabelecendo pelo Ideal-do-Eu um consistente laço simbólico entre esses sujeitos e suas instituições. A participação ativa na ficção sectária alimenta o caráter combativo e a resistência concreta de seus vilarejos moldando o perfil sagrado do *mujahed*, o que reforça seu Eu pelo fantasma de encarnar o ideal comunitário. Completa esse estado o fascínio de estar sob a sombra de seu *líder*, consensualmente visto com poderes sobrenaturais.

A resiliência, portanto *não foi* um produto individual, mas a resultante de um processo coletivo, no qual eles se firmam como atores contemporâneos de um projeto histórico. Portanto é o projeto identificatório consensual que possibilita que a força pulsional se inscreva no registro da

representação. A força pulsional irrompe na ordem do visível e do reconhecimento possível fazendo com “que a pulsão de vida inscreva a pulsão de morte nos registros do simbólico e do laço social” (Birman, 1998, p. 254). Os vínculos entre os atores constroem significações tidas como a expressão da sua “alma grupal”, e vão se encadear como ideologia promovendo uma forma de ser, pensar e agir. A ideologia, portanto, implica certa concepção do real e da situação do Eu nesse real (Baranger, 1959). Compartilhada, ela funda uma ordem social e sedimenta uma visão de mundo, - “*weltanschauung*”, (Freud, 1932/1948) - que sustenta o comportamento grupal e desse modo evita comportamentos individualizados desagregadores, como poderia acontecer numa massa disforme. Quanto à coesão da milícia e seu alinhamento nos combates, confirma-se que não é a amplitude do perigo que pode estabelecer o pânico em um grupo militar (Freud 1921/1981b), mas sim, o sentimento de desamparo na falta da figura de um líder. Podemos estender essas observações a toda a comunidade que se intitulava “uma sociedade resistência”.

Enfim os resultados dessa investigação confirmam estudos de campo anteriores realizados no Líbano, (Karam,1994) indicando que as situações extremas imprimem suas marcas, porém suas consequências traumáticas instalam-se segundo a organização psíquica de cada um e do grau de sustentação oferecido por seu entorno social.

## REFERÊNCIAS

- Abraham, N. (2001). *Le sens du symbole comme au-delà du phénomène*. In N. Abraham, & M. Torok, *L'ècorce et le noyau* (pp. 26-76). Paris, FRA: Champs Flammarion. (Original publicado em 1961)
- Alcorão Sagrado. (1989). Surata 2 e Surata 4, versículo 154 (S. Hayek, Trad.). São Paulo, SP: Centro de Divulgação do Islã para a América Latina.
- Anaut, M. (2003). *La résilience: surmonter les traumatismes*. Paris, FRA: Nathan.
- Assoun, P.-L. (2005). La folie de l'ideal ou l'inconscient fanatique. *Penser/Rêver*, 8, 169-188.

- Baranger, W. (1959). Le moi et la fonction de l'ideologie. *La Psychanalyse*, 5, pp.183-193.
- Barus-Michel, J. (2004). *O sujeito social*. Belo Horizonte, MG: PUC Minas.
- Birman, J. (1998). *De la pulsion à la culture*. Paris, FRA: L'Harmattan.
- Birman, J. (2009). A dor dos vencidos e dos vencedores. In J. Birman, *Cadernos sobre o mal*, (pp. 107-129). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Cabra, M. (2005, junho). Indefension aprendida em situación de guerra y violència extrema. *Trabalho apresentado no Congresso Internacional de trauma psíquico y stress*. Buenos Aires, ARG, 5.
- Canavê F. (2015). O trauma em tempos de vítimas. *Ágora*, 18(1), 39-50.
- Charara, W., & Domont, F. (2004). *Le Hezbollah, un mouvement islamonationaliste*. Paris, FRA: Fayard.
- Corm, G. (1986). *Géopolitique du conflit libanais*. Paris, FRA: La Découverte.
- Cyrułnick, B. (2004). *Os patinhos feios*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In *Obras completas. Psicanálise IV* (C. Berliner, Trad.) (2a ed., pp. 109-118). São Paulo, SP: WMF Martin Fontes. (Original publicado em 1934)
- Freud, S. (1948). Una concepción del universo. In S. Freud, *Obras completas* (L. L.-B. y de Torres, Trad.) (Vol. 2, pp. 861-873). Madrid, ESP: Biblioteca Nueva. (Obra original publicada em 1932)
- Freud, S. (1965). *Totem et Tabou* (S. Jankélévitch, Trad.). Paris, FRA: Payot. (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (1973). Esquisse d'une psychologie scientifique. In S. Freud, *La naissance de la psychanalyse* (A. Balseinte, J.-G. Delarbre, & D. Hartman, Trad.) (pp. 180-420) Paris, FRA: Puf. (Obra original publicada em 1895)
- Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. 20, pp. 81-171). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1926)

- Freud, S. (1974). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. 14, pp. 275-291). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1917)
- Freud, S. (1981a). *Au-delà du principe de plaisir*. Paris, FRA: Payout. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (1981b). *Psychologie des foules et analyse du Moi* (A. Bourguignon, Trad.). Paris, FRA: Payot. (Obra original publicada em 1921)
- Freud S. (1997). *L'Avenir d'une illusion* (J. Laplanche, Trad.). Paris, FRA: Puf. (Obra original publicada em 1927)
- Harik, J. (2006). *Le Hezbollah: Le Nouveau Visage du Terrorisme*. Montreal, CAN: Stanké
- Kaes, R. (1998). *Différence Culturelle et Soufrances de l'identité*. Paris, FRA: Dunod.
- Karam, G. (1994). *Post Traumatic Stress Disorder. The Lebanon wars*. Beirute, LIB: Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, Departamento de Serviços Humanitários.
- Khosrokhavar, F. (2003). *Les nouveaux martyrs d'Allah* (2a ed.). Paris, FRA: Flamarion.
- Lipiansky, E. M. (1991). Représentations sociales et idéologies: analyse conceptuelle. In V. Aebischer, J.-P. Deconchy, & E. M. Lipiansky, *Idéologies et représentations sociales* (pp. 42-61). Fribourg, SWI: Delval.
- Mermier, F., & Picard, E. (2007). Introduction. In F. Mermier, & E. Picard (Coords.), *Liban, une guerre de 33 jours* (pp. 5-13) Paris, FRA: La Découverte.
- Mervin, S. (2008). La religion du Hezbollah. In S. Mervin (Coord.), *Le Hezbollah, état des lieux* (pp. 181-206) Paris, FRA: Sindbad.
- Moscovici, S. (1991). *L'age des Foules*. Bruxelles, BEL: Éditions Complexe.
- Reinert, M. (1992). *Manuel d'utilisation du logiciel Alceste*. Toulouse, FRA: Éd. de l'Université Toulouse Le Mirail.
- Verdeil, E. (2007). Le bilan des destructions au Liban. In F. Mermier, & E. Picard E. (Coords.), *Liban, une guerre de 33 jours* (pp. 17-29) Paris, FRA: La Découverte.